

Capítulo II – Missão, visão, filosofia e valores

O mundo global em que vivemos traz novos desafios à vida das sociedades contemporâneas, exercendo sobre um dos núcleos nevrálgicos do seu desenvolvimento – os sistemas educativos – uma maior pressão, sobretudo no que toca aos padrões de sucesso e de excelência. Paralelamente, a massificação do ensino, no quadro de alguma fragmentação e complexidade das sociedades atuais, tem confrontado a escola com a necessidade de cumprir um leque muito variado de missões sociais, não deixando, no entanto, de ser o seu papel central o de *ensinar e fazer aprender o thesaurus cultural herdado, a par de uma cidadania livre e responsável* (Conselho Nacional de Educação, 2007: 158) e melhorar o nível das aprendizagens de todos os seus alunos.

Neste contexto, entendemos que é nossa missão:

- Garantir o serviço público de educação.
- Promover a equidade social e criar condições para a concretização da igualdade de oportunidades para todos.
- Desenvolver o Projeto Educativo, adequando-o às necessidades concretas de aprendizagem e formação de cada aluno e tendo em conta as legítimas expectativas dos respetivos pais e Encarregados de Educação.

Neste mundo global, nesta sociedade da informação em que vivemos, assim como na escola, as competências básicas da leitura, da escrita e do cálculo constituem instrumentos essenciais de acesso e de sucesso em outras aprendizagens e saberes. A Educação Pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico são o ponto de partida do processo de ensino e da aprendizagem dessas competências, onde se fundam os alicerces académicos de todo o edifício escolar, assumindo, ao longo do percurso educativo dos nossos alunos, um papel crucial.

Na sociedade da tecnologia e da informação, a leitura é, cada vez mais, uma atividade fundamental e incontornável. Num mundo com estas características, a ausência de leitura, tal como refere Moraes (1997), constitui uma amputação no plano cognitivo, ideológico, ético, emocional e estético.

“No planeta Bih não existem livros. O saber vende-se e consome-se em garrafas. A História é um líquido vermelho que parece sumo de romã, a Geografia um líquido verde mentol, a Gramática é incolor e sabe a água mineral. Não existem escolas, estuda-se em casa. Todas as manhãs as crianças, consoante a idade, têm de emborcar um copo de História, algumas colheradas de Aritmética e assim por diante. (...) Para as crianças do infantário existem rebuçados instrutivos: com sabor a morango, a ananás, a licor, e contendo algumas poesias, os nomes dos dias da semana, a numeração até dez” (Rodari, 1988: 78-79).

Se vivêssemos no planeta imaginário criado pelo autor de literatura infantil italiano Gianni Rodari, as nossas considerações seriam certamente de outro “sabor”. Mas vivemos no planeta “*Bit*”, o planeta da informação, onde o saber se vende e consome em sítios eletrónicos, em blogues, em jornais, em revistas, em livros. A leitura é, portanto, neste planeta real da palavra escrita, uma necessidade vital e inadiável.

No planeta da informação, saber ler – ler rápido, ler muito, ler bem – é um fator de desenvolvimento individual e de progresso coletivo. Ao longo de toda a escolaridade, a atividade da leitura é um fator de sucesso, constituindo, igualmente, um excelente preventivo de uma grande parte das dificuldades de aprendizagem. Cabe, pois, à escola, com o apoio da

família e de toda a comunidade, o estimulante desafio de cultivar o prazer da leitura e de despoletar o interesse e o gosto pelo livro.

A cultura é indissociável da leitura, da pedagogia, do conhecimento. A escola básica tem como função acautelar a todos os alunos, sobretudo aos que vivem em meios social e economicamente carenciados, o acesso a um *saber cultural mínimo garantido* (Baudelot e Establet, 1994). A cultura é imperecível e intemporal, é um fator de identidade, de dignidade e de qualidade de vida do ser humano. Com base neste pressuposto, defendemos uma preocupação com o conhecimento e a cultura, de modo a garantir aos(às) alunos um *saber cultural de inserção*, neste mundo cada vez mais global e, não raro, desigual.

É neste contexto, que nos visionamos como uma Escola que acolhe, integra e prepara, ao nível académico, cultural e humano, as suas crianças e os seus alunos para os desafios de um mundo global e em constante mudança.

A busca permanente da nossa visão e o desempenho cabal da nossa missão requerem um grande trabalho por parte dos profissionais, bem como um grande esforço e envolvimento pessoal por parte de cada criança, adolescente, jovem e adulto. Implica um comprometimento das famílias, uma crescente participação destas no processo educativo e a abertura da escola a outros elementos da comunidade local, em especial as associações culturais e cívicas, as autarquias e as empresas.

A escola é um elo de ligação importante de uma vasta rede social, pelo que a sua missão de serviço público apenas se concretizará quando articulada com os demais parceiros. Por conseguinte, defendemos a criação de laços com o exterior e a cooperação mútua, o estabelecimento de parcerias e protocolos, bem como a participação em projetos locais ou nacionais.

Enquanto instituição à qual está confiada uma missão de serviço público, é suposto que a escola seja capaz de dotar cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos indispensáveis à exploração plena das suas capacidades, necessárias à sua integração futura na sociedade e, assim, contribuir ativamente para a vida económica, social e cultural do país. Ora, cumprir este importante desiderato, em condições de qualidade e de equidade, é uma tarefa complexa que exige uma intervenção eficaz, bem como o trabalho e a participação de todos com vista a atingir a mesma meta.

Espera-se, por um lado, que os docentes, enquanto agentes principais responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem, promovam colaborativamente medidas de carácter pedagógico que estimulem o desenvolvimento harmonioso da educação, quer nas atividades da sala de aula quer nas demais atividades da escola. Por outro, (pre)supõe-se que o pessoal não docente colabore ativamente no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o civismo, promovendo o respeito pelas regras de convivência, um bom ambiente educativo e contribuindo – em articulação com os docentes, os pais e Encarregados de Educação – para a prevenção e resolução efetiva dos problemas comportamentais e de aprendizagem. Para além dos educadores/professores e do pessoal não docente, os pais e os Encarregados de Educação em especial têm a seu cargo a responsabilidade de dirigirem a educação dos seus filhos e de promoverem o desenvolvimento físico e intelectual dos mesmos.

É tarefa de todos inculcar nas crianças e jovens deste Agrupamento de Escolas valores essenciais à sua formação enquanto indivíduos, para que se tornem seres autónomos e capazes de uma plena integração futura numa sociedade em construção permanente. Assim sendo, é, igualmente, importante que os alunos se consciencializem da necessidade de

desenvolver hábitos de trabalho, e que adotem uma postura de responsabilidade perante a escola. Como tal, devem tornar-se indivíduos competentes e solidários, cujo comportamento se pauta por uma participação ativa e cívica, pelo respeito ao próximo, através de uma atitude que fomenta o diálogo, a colaboração, sem descuidar a ecologia como um valor basilar na sociedade atual.

Pretende-se, no fundo, gerar uma cultura de “equipa” onde cada indivíduo conta, “veste a camisola”, sabe qual é a sua função no todo, se revê no Projeto Educativo, colabora e trabalha para o mesmo fim: a qualidade das aprendizagens e dos resultados escolares.

Assumimos, nesta linha, como valores que orientam a nossa ação o **trabalho**, a **colaboração**, o **civismo**, a **responsabilidade**, a **participação**, a **solidariedade**, a **ecologia**.

Se, tal como expressa o provérbio africano, “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”; na era da globalização, *para educar uma criança é preciso todo um mundo*. É esta ideia de mundo, isto é, um mundo que se compromete e age em harmonia lutando para o mesmo fim, que pretendemos transpor para a nossa escola:

Agrupamento de Escolas de Argoncilhe, **uma Escola para ler o mundo**.